



O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PÓS- PANDEMIA: NOVAS RECONFIGURAÇÕES

Éder Gomes de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

A pandemia surgiu logo após o surto da COVID-19, assim declarada uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), visto que a disseminação do vírus ocorreu rapidamente em todo o mundo. Em meados do mês de março de 2020, o Brasil também passou a ser afetado. O uso de máscaras faciais e de álcool em gel, o distanciamento e o isolamento social passaram a ser itens rotineiros de todo cidadão (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020). Além disso, as instituições de ensino tiveram suas aulas presenciais suspensas.

Dessa forma, surge um novo cenário educacional, no qual gestores e professores que trabalhavam presencialmente em instituições educacionais passam a buscar uma solução para a suspensão das aulas presenciais. As tecnologias digitais e a Internet foram de grande auxílio nesse momento, visto que as reuniões, antes presenciais, puderam ser feitas por vídeo, planejamentos e orientações foram compartilhados por meio de endereço eletrônico e cursos sobre ferramentas digitais (como o Google Classroom e o Google Meet) foram realizados on-line.

Por conta da impossibilidade de se realizar aulas presenciais, o governo federal publicou, no dia 1 de abril de 2020, no endereço eletrônico do Diário Oficial da União, a Medida Provisória 934, uma medida que tem caráter excepcional e vale enquanto durar a situação de emergência da saúde pública (PERA, 2020). O ato autoriza que as escolas da educação básica distribuam a

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE/UFMT. Professor Especialista em Atendimento Educacional Especializado (AEE) no município de Cuiabá/MT. E-mail: edergo21@hotmail.com.



carga horária mínima anual de 800 horas, definida pela Lei de Diretrizes e Bases (1996), em um período diferente aos 200 dias letivos (BRASIL, 2020). Ademais, em abril do mesmo ano, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou o Parecer nº 5/2020, que trata da reorganização do calendário escolar de todo o país e da possibilidade de que sejam realizadas atividades pedagógicas não presenciais para cumprimento da carga horária mínima anual em todas as etapas e modalidades da educação, inclusive na alfabetização (BRASIL, 2020).

Entre 2019 e 2021, houve um aumento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos de idade que não sabiam ler e escrever. Esse número passou para 1,4 milhão em 2019 para 2,4 milhões em 2021, e a mostra a mais recente nota técnica do Todos Pela Educação sobre os impactos da pandemia no aprendizado de crianças e jovens brasileiros.

Produzido com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) de 2012 a 2021, o documento “Impactos da pandemia na alfabetização de crianças” compara os números correspondentes ao terceiro trimestre de cada ano e confirma os efeitos negativos da pandemia de Covid-19 sobre a Educação Pública brasileira.

O cenário impõe novos desafios, por exemplo, à meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE), que visa alfabetizar todas as crianças até, no máximo, o final do terceiro ano do Ensino Fundamental.

A alfabetização, hoje, é um tema que agrega em torno dele estudos e reflexões de vários campos de conhecimento. A alfabetização entendida como decodificação e codificação de sons em letras já não é suficiente no mundo contemporâneo, o conceito de letramento imbrica-se nos preceitos de alfabetização e vice-versa, são processos com dimensões e facetas, naturezas diversas, mas também interdependentes. A alfabetização é um tema mundialmente debatido e de extrema importância para o desenvolvimento pessoal e até mesmo da nação.

Apesar de evoluções ocorridas na alfabetização, o Brasil não deixou de apresentar-se negativamente nesse aspecto, de acordo com o site do



Alfabetização Solidária², programa criado pelo governo federal para tentar diminuir a exclusão pelo analfabetismo em áreas rurais e urbanas do país, existem, ainda hoje, em municípios do norte e do nordeste, índices que giram em torno de 60% de analfabetos.

Ao lado do pequeno grupo de pessoas que apresentam transtornos de aprendizagem decorrente de imaturidade do desenvolvimento e/ou disfunção psiconeurológica, existe um grupo muito maior de pessoas que apresenta baixo rendimento escolar em decorrência de fatores isolados ou em interação. As alterações apresentadas por esse contingente maior de alunos poderiam ser designadas como "dificuldades de aprendizagem". (MOOJEN, 1999, pg. 105)

Para a visão construtivista, o conhecimento da escrita e da leitura é o entendimento do modo como esse sistema de representação é construído. Partindo desse princípio, a linguagem bem articulada, o domínio da motricidade e as discriminações visuais e auditivas são conquistas que ampliam as condições de aprendizagem, a qualidade do traçado, a distribuição das formas gráficas e as orientações espaciais.

Os pré-requisitos do método tradicional são ineficazes quando procuramos identificar de que maneira a criança organiza as informações assimiladas. Esse modo de organização varia de um nível de desenvolvimento para outro. Cada criança interpreta o que escreve ou lê de acordo com a evolução de seus conhecimentos.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

A prática pedagógica é embasada pelo pressuposto, cientificamente comprovado, de que a inteligência não é um dom, mas sim um processo em que se fica mais inteligente aprendendo, e que todos podem aprender. O papel que precisa ser compreendido e desempenhado pelos professores, nesse caso, é o

² O Programa Alfabetização Solidária manifestava como objetivo reduzir os índices de analfabetismo do país, focalizando nos jovens de 12 a 18 anos. Em 1997, priorizava os municípios com taxas de analfabetismo superiores a 55%: os localizados nas regiões norte e nordeste. Em 1999, atingiu os Grandes Centros Urbanos e, em 2002, as regiões Centro-Oeste e Sudeste



de alfabetizar todos os alunos, sem aceitar evasão nem possibilidade de repetência.

Os alunos precisam construir hipóteses mais complexas e completas e isto depende da intervenção do professor alfabetizador.

Algumas situações de aprendizagem parecem demonstrar que o professor não consegue manter a atenção da classe e fazer com que os alunos aprendam por não conseguir estabelecer condições de ensino e de aprendizagens motivadores. Pesquisas apontam que as crianças chegam à escola cada vez mais desmotivadas com seus estudos, o que leva à repetência e, muitas vezes, à evasão. Segundo Zenti (2000), são muitos os problemas que emergem no rebaixamento mas ele acredita que não existe uma fórmula mágica para manter as aulas no centro das atenções das crianças. No entanto, ele diz que um professor sensível e enérgico pode estar à altura do desafio. No caso de Zenti (2000), especialistas no assunto defendem que os professores devem mostrar aos seus alunos que aprender é divertido. Mas o maior repto é competir com atrações tecnológicas e jogos que encantam crianças que não existem na escola.

Segundo Torre (1999), a queixa na maioria das aglomerações de professores está relacionada ao desinteresse dos alunos em aprender. No entanto, consideram que "esse fato afeta diretamente professores e alunos de acordo com as áreas de estudo, os níveis do sistema educacional e as características socioculturais do aluno entre outras variáveis" (p. 07).

A carga afetiva desempenha um papel importante na sociedade. Ela pode inibir ou contribuir para o crescimento intelectual e emocional do aluno. Para aprender a pessoa precisa querer ou sentir necessidade.

Quando aprendemos, aprendemos os conteúdos e também que somos capazes de aprender. Quando não aprendemos, podemos aprender que somos incapazes, o que pode ser atribuído a diversas causas, não todas igualmente lesivas a autoestima. (HELENA e ABRAHÃO, 2008, p.183)

É no conjunto de relações de interação estabelecidas pelo grupo em sala de aula, nas tarefas cotidianas entre alunos e professores, que se constrói a motivação intrínseca pela aprendizagem. O que se destaca não é uma



característica do aluno, mas sim da situação de ensino-aprendizagem afetando seus protagonistas de maneira geral.

Quando um sujeito pretende aprender e aprende, a experiência vivida lhe oferece uma imagem positiva de si mesmo e reforça sua autoestima, o que constitui uma boa bagagem para continuar enfrentando os desafios que aparecem.

CONSIDERAÇÕES

Com este estudo foi possível apresentar a caracterização da Alfabetização e a sua importância como estratégia de ensino na promoção da educação. O aluno deve ter consciência de que a alfabetização envolve diversos saberes e aprendizagens, que a mesma desenvolve tanto o lado intelectual, como o sentimental e afetivo.

As atividades desenvolvidas na alfabetização deveriam ultrapassar o domínio da forma mecânica da leitura, da escrita, para atingir o alfabetizando como um todo e inscrito na sua realidade. Podendo assim trabalhar interdisciplinarmente e ajudar no desenvolvimento de habilidades em diversas áreas de conhecimento, além de favorecer aspectos da formação humana que na atualidade influenciam diretamente na aprendizagem e convivência do aluno no ambiente escolar.

É papel do professor alfabetizador motivar os seus alunos a aprender e, a se interessar pela aprendizagem, para com isso contornar as dificuldades que surgirem no decorrer do processo de alfabetização.

Conclui-se então que é necessário cada vez mais foco na alfabetização e que os profissionais procurem se especializar para poder desenvolver um trabalho positivo com seus alunos.

A pandemia afetou todos os alunos sem exceção. Contudo, parece ter efeito muito mais forte no alfabetismo dos alunos, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos. O fato de ainda não possuir autonomia para ler e escrever traz limitações importantes e o processo de alfabetização requer uma mediação intensa e adequada.



Por fim, é importante mencionar que a retomada do ensino presencial ou híbrido não é tarefa apenas de uma escola ou de um professor. Nesse contexto, atitudes de cooperação, solidariedade e apoio mútuo são fundamentais, entre escola e a família.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 maio. 2022

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Pleno/Conselho Nacional de Educação. **Parecer do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento de carga horária anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. 28 de maio de 2022. Brasília, DF, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 23 maio. 2022.

HELENA, Maria. ABRAHÃO, Menna Barreto. Professores e alunos: **Aprendizagens significativas em comunidades de práticas educativas**. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2008.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MOOJEN, S. Rubinstein, E. (Org), **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Élvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações**. In: Observatório socioeconômico da Covid-19 (OSE). 2020. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/wp-content/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>. Acesso em: 25 maio. 2021.

TORRE, J. C. **Apresentação: a motivação para a aprendizagem**. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 7-10.

ZENTI, L. **Aulas que seus alunos vão lembrar por muito tempo: motivação é a chave para ensinar a importância do estudo na vida de**



cada um de nós. *Nova Escola*, São Paulo: Abril, v. 134, ago. 2000.